

**CURSISTAS DO PARFOR EM LICENCIATURA DE HISTÓRIA NA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE NO CAMPUS FLORESTA (CRUZEIRO DO  
SUL- ACRE): DIFICULDADES DE GÊNEROS DENTRO DA FORMAÇÃO DO  
PROFESSOR DE HISTÓRIA NO PERÍODO DE 2016 A 2020**

**PARFOR CURSISTS IN HISTORY LICENSING AT THE FEDERAL UNIVERSITY  
OF ACRE AT CAMPUS FLORESTA (CRUZEIRO DO SUL- ACRE): GENDER  
DIFFICULTIES WITHIN THE FORMATION OF HISTORY TEACHER IN THE  
PERIOD FROM 2016 TO 2020**

*Cieles Noruega de Souza<sup>1</sup>*

*Creucivan Bertolino da Silva<sup>2</sup>*

*Jorge Lima Câmara<sup>3</sup>*

*Manoel Messias Pinheiro Gomes<sup>4</sup>*

*Mirla de Araújo Conceição<sup>5</sup>*

*Rafael Santos da Silva<sup>6</sup>*

*Raimundo Oliveira de Azevedo<sup>7</sup>*

**RESUMO**

Nosso artigo versa sobre os problemas vivenciados pelos licenciandos em História no Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), na Universidade Federal do Acre (UFAC), no campus de Cruzeiro do Sul, ocorrido entre 2016 a 2020. Tendo como foco as questões de gênero em relação à integralização dos créditos ao longo desses quatro anos do curso. Entendendo que existiram dificuldades que não se vincularam exclusivamente aos aspectos cognitivos ou financeiros, se relacionando a características sociais dentro do lar ou dentro da comunidade em que os cursistas viviam. Neste sentido, buscamos investigar quais e como tais

<sup>1</sup> Graduanda do curso Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre – UFAC, Campus Floresta. E-mail para contato: cieles.noruega@hotmail.com.

<sup>2</sup> Graduando do curso Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre – UFAC, Campus Floresta.

<sup>3</sup> Graduando do curso Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre – UFAC, Campus Floresta. E-mail para contato: jlma1863@gmail.com.

<sup>4</sup> Graduando do curso Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre – UFAC, Campus Floresta. E-mail para contato: manoel.messias68@gmail.com.

<sup>5</sup> Graduanda do curso Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre – UFAC, Campus Floresta.

<sup>6</sup> Graduando do curso Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre – UFAC, Campus Floresta. E-mail para contato: rjms.jms79@gmail.com.

<sup>7</sup> Graduando do curso Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre – UFAC, Campus Floresta. E-mail para contato: raioliveiraczs@gmail.com.

fatores afetaram nosso percurso de formação como professores/as licenciados em História. Tomamos como referencial as obras de José D'Assunção Barros (2008); Pertile (2015); Agostini, Medeiros e Aguiar (2015). O referido artigo teve como finalidade investigar as dificuldades decorrentes da questão de gênero encontradas na integralização dos créditos no curso de História, pelo PARFOR, realizado na UFAC, campus Cruzeiro do Sul, entre 2016 a 2020, diferenciando as principais problemáticas encontradas entre os dois gêneros.

**PALAVRAS-CHAVE:** PARFOR; experiências; vivências; diferenças e gêneros.

## **ABSTRACT**

Our article reports on the problems experienced by undergraduate history in the National Program for the Training of Basic Education Teachers (PARFOR), at the Federal University of Acre (UFAC), on the campus of Cruzeiro do Sul, occurred between 2016 and 2020. Focusing on gender issues in relation to the integralization of credits throughout these four years of the course. Understanding that there were difficulties that were not exclusively linked to cognitive or financial aspects, relating to social characteristics within the home or within the community in which the cursists lived. In this sense, we seek to investigate which and how these factors affected our training path as teachers licensed in History. We take as a reference the works of José D'Assunção Barros, Pertile, Agostini, Medeiros and Aguiar. This article aimed to investigate the difficulties arising from the gender issue found in the integralization of credits in the history course, by PARFOR, held at UFAC, cruzeiro do Sul campus, between 2016 and 2020, differentiating the main problems found between the two genders.

**KEYWORDS:** PARFOR; experiences; differences and genders.

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente artigo visa pensar sobre os problemas vivenciados pelos licenciandos e licenciandas em História no PARFOR, na UFAC, no campus de Cruzeiro do Sul, ocorrido entre os anos de 2016 e 2020. Tendo como foco as questões de gênero em relação à integralização dos créditos ao longo desses quatro anos do curso. Entendendo que existem obstáculos que não se relacionam exclusivamente aos aspectos de conhecimentos ou financeiros, se relacionando a características sociais dentro do lar ou dentro da comunidade em que os cursistas vivem. Neste sentido, buscaremos investigar quais e como tais fatores afetaram nosso percurso de formação como professores/as licenciados/as em História. Tomamos como referencial as obras de José D'Assunção Barros (2008); Pertile (2015); Agostini, Medeiros e Aguiar (2015).

## **2. MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS: RELATOS DE UMA GRADUAÇÃO**

Motivados pela disciplina Pesquisa Histórica II, em que deveríamos construir um artigo a partir de nossas experiências e vivências como alunos/as de graduação da licenciatura em

História, na Universidade Federal do Acre, escolhemos escrever sobre as dificuldades culturais e de gênero vivenciadas no decorrer das disciplinas do curso. Em função disto, para que nossos leitores tenham melhor compreensão destas vivências cabe recordar que o Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) é um programa com intuito de dar formação e qualificação dos profissionais atuantes na educação básica da rede pública de ensino, mas que ainda não possuem graduação. O objetivo do PARFOR é melhorar a qualidade do ensino principalmente nas comunidades rurais com parâmetro nacional.

Assim, nesta etapa de conclusão do curso, nós cursistas do PARFOR, comprometidos tanto com o cumprimento de critérios avaliativos, quanto com a ideia de um relato de nossas experiências a fim de colaborar com a continuidade do programa, optamos por escrever o texto que ora se lê, dialogando com as adversidades enfrentadas. Diante disto, começamos nos perguntando, qual é a importância do PARFOR para pessoas como nós? Neste sentido, entendemos que seu significado se associa ao formato, a possibilidade de acesso e permanência e seus destinatários. Por ser um programa modular nos deu a possibilidade de conciliar trabalho e formação em licenciatura, para professores que atuam em sala de aula na educação básica, mas, que ainda não tinham conseguido cursar uma graduação no ensino regular, conforme o relato do cursista Francisco Fábio Acácio da Silva.

A importância do PARFOR? Caiu do céu! Eu não tinha condições de pagar um curso de graduação. Para mim, é um privilégio participar de uma graduação oferecida pelo governo, já que na minha família não teve ninguém formado em nível superior, eu sou o primeiro a alcançar esse objetivo e pretendo exercer a minha qualificação na comunidade Esperança. (ACÁCIO DA SILVA, 2020)

A comunidade Esperança em que o cursista habita se situa no Rio Liberdade, distante de Cruzeiro do Sul cerca de quatro horas de viagem. Para que o deslocamento do aluno Francisco Fábio Acácio da Silva ocorra é preciso ainda conciliar um trecho que liga a cidade de Cruzeiro do Sul a ponte do Rio Liberdade via BR-364, percurso de carro em que se gasta uma hora e depois ao pegar o barco, sobe o rio por mais três horas.

Indagado sobre a importância do PARFOR, o licenciando Ciele Noruega de Souza (professor da rede pública de Ipixuna, no Estado do Amazonas) que se desloca anualmente para Cruzeiro do Sul, percorrendo cerca de 126 km de sua cidade e para chegar até as aulas faz um percurso utilizando transporte aéreo e/ou aquático, onde gasta trinta minutos de avião, de quatorze a vinte e quatro horas de barco e oito horas de lancha acrescentou:

O PARFOR teve uma significância muito grande na minha vida. Por eu ser de outro estado e já conhecer um pouco desse programa tive uma oportunidade por meio dele

de compreender mais ainda um pouco a respeito do mesmo. Nesse sentido, compreendi que o referido programa não só abre portas como amplia os horizontes de quem busca o conhecimento. Assim, posso afirmar que ao entrar no PARFOR, novos caminhos se abriram em minha vida, porque através dele tive a oportunidade de cursar uma licenciatura numa área que eu tanto queria e que antes eu não tinha tido a oportunidade de fazer. Então, foi aí que mesmo morando em um estado diferente tive a chance de ingressar numa área específica, que eu tanto queria fazer, que era a licenciatura em História. E somente a partir desse momento que me deparei com uma nova realidade que foi conhecer outro Estado diferente do meu – saindo do Amazonas e vindo ao Acre - e pessoas que nunca imaginei conhecer. O mais importante foi que todas essas coisas me levaram a criar uma percepção de vida diferente e ter outra realidade do que realmente é o PARFOR, mesmo já conhecendo um pouco dele em meu Estado. Então, quero dizer que para mim foi muito satisfatória e eficiente porque aqui aprendi o que realmente é bom e ruim durante a formação desse curso. (NORUEGA DE SOUZA, 2020).

Na fala do licenciando, percebemos que este programa trouxe novas possibilidades para os acadêmicos, pois abre outros horizontes para que os alunos possam crescer tanto pessoalmente quanto profissionalmente, acrescentando aportes teóricos e práticos aos seus conhecimentos.

A graduanda Auvilene Pereira da Silva, professora da rede pública de ensino estadual na comunidade Igarapé Forquilha, no Rio Liberdade, na zona rural de Cruzeiro do Sul, situado a oito horas de distância, percurso conciliando duas horas de caminhão pela BR 364, até a ponte do Rio e mais seis horas de barco da ponte até a sua comunidade, em seu relato ressalta a importância do programa:

Eu não tinha esperança nenhuma de entrar em uma Universidade, pois eu morava na zona rural e tenho dois filhos. Ainda por cima meu marido não aceitava o fato de eu cursar uma graduação. Acho muito importante devido ter muitos professores que estão em sala de aula e que ainda não são graduados e o PARFOR proporcionou essa possibilidade de continuarmos adquirindo conhecimentos para utilizarmos em nossas comunidades com os nossos alunos. (PEREIRA DA SILVA, 2020).

Observamos que nas falas dos acadêmicos homens, não há em nenhum momento imposição ou interferência da família para que a graduação seja cursada. Para as mulheres, além da distância e demais dificuldades que surgem, ainda há o fato de os maridos não gostarem de suas ausências. As alunas afirmaram que também precisam deixar de cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos por algum tempo, a fim de atender as necessidades dos seus estudos. Ou ainda cabe as cursistas terem de dar conta das aulas e desses afazeres.

Levino Pequeno de Souza, que é uma das lideranças da área indígena Campinas/Katukina, situada na BR 364, a uma hora e meia do município de Cruzeiro do Sul em transporte terrestre, igualmente enfatiza a relevância do PARFOR, pois:

Pra mim, a importância do PARFOR, é que trata de um programa criado pelo governo federal no intuito de formar os professores da zona rural que não tiveram a oportunidade de ingressar na universidade, assim qualificando os professores da zona rural para atuarem e transmitirem os conhecimentos da melhor forma possível para seus dependentes. No meu caso foi mais uma oportunidade de se ingressar em uma Universidade e se qualificar em licenciatura em História em nível superior, assim me qualificando e preparando para o mercado em diversas áreas nas três esferas de governo. (PEQUENO DE SOUZA, 2020).

Mediante as narrativas obtidas com entrevistas junto ao grupo de licenciandos/as verificamos a relevância do Programa. De tal modo, que a expandirmos essa visão sobre nossa sala de graduação e com base no nosso instrumento de pesquisa (questionário dos perfis socioeconômico e cultural) creditamos maior significado a proposta.

Observando ao nosso redor identificamos que do conjunto dos trinta e três alunos que estão finalizando o curso, temos um universo com características bem variadas entre si. A começar do fato de numa sala composta por trinta e três acadêmicos, temos dezessete licenciandos do sexo masculino e dezesseis do sexo feminino. Dentre os graduandos, identificamos que mais da metade é responsável pelo sustento de seus lares (65,7%) e o mesmo número dos cursistas são os primeiros de suas famílias a ingressarem em uma graduação.

Outra característica que merece destaque é o fato da maioria dos licenciandos não ser do quadro permanente das redes públicas, ou seja, estão em modalidade de contrato provisório, tendo seus vínculos rompidos quando finaliza o ano letivo das escolas públicas. O que colaborou e ao mesmo tempo teve consequências sobre o período modular de aulas do PARFOR em História da UFAC, pois, a turma assistia aulas entre janeiro e março quando as escolas estavam em período de recesso e em agosto com autorização de afastamento a fim de pagar aulas ao término da integralização dos créditos. Se por um lado isso ajudava, também era fonte de preocupações, porque aos que moravam em zona rural significava deslocar-se a Cruzeiro do Sul e ali permanecer por três meses, justamente em um momento que não tinha nenhum salário. Destaca-se ainda que os alunos do PARFOR em História não receberam nenhuma modalidade de bolsas ao longo do curso.

A nosso ver é necessário enfatizar essa condição de deslocamento, porque a maior parte dos cursistas trabalha na zona rural, sendo 69,7% professores na rede estadual e 15,2% na rede municipal. É notório que o programa surgiu como uma porta que abre diversos caminhos para esses professores, que até a oportunidade lhes oferecida pelo PARFOR não tinham perspectivas de se qualificar, resultando nos mesmos caminhos de trabalho que cada vez mais se fechavam por não terem qualificação profissional para continuar no mercado de trabalho.

No intuito de construir uma diversidade de memórias, não nos limitamos ao diálogo interno a nosso grupo de trabalho. Coletamos depoimentos de outros colegas de grupos

diferente, duas mulheres e dois homens na perspectiva de agregar relatos de distintos contextos dentro da realidade do PARFOR, em que os entrevistados buscaram relatar motivos de dificuldades em se manter no curso, inclusive enfrentando problemas e preconceitos quanto à modalidade do curso e em relação ao gênero a que pertencem. Para isso elaboramos alguns questionamentos na busca de desvelar os obstáculos encontrados no decorrer do curso de licenciatura em História.

A licencianda Maria Gesualda Monteiro da Silva, 27 anos de idade, moradora do Rio Liberdade, professora da comunidade Porto Alegre distante duas horas em um trajeto que conciliava BR 364 e subida fluvial por meio de transporte de barco, relata:

Bom essa dificuldade é muito relativa, porque quando a gente começa o curso né, a gente se empolga né, fica feliz que ganhou a graduação só que vão passando os dias e as dificuldades vão surgindo, na verdade foram muitas e muitas dificuldades, que leva a chegar a gente a pensar em desistir. Na verdade como eu falei, a principal dificuldade mesmo que me fez pensar em desistir foi a questão de conciliar trabalho, marido e filhos, isso aí foi uma coisa que me deixava muito triste, porque muitas vezes, não tinha com quem eu deixar as minhas crianças né e a minha mãe sempre tinha que me ajudar, então tinha hora que, eu dizia: “Meu Deus, eu não vou conseguir levar adiante né” e pensava realmente em desistir, só quem realmente passa é que sabe, foi questão de conciliar trabalho, casa, família, foi essa questão aí mesmo, a maior dificuldade que eu encontrei. (MONTEIRO DA SILVA, 2020).

Ainda buscando entender as barreiras vencidas, perguntamos quais foram os motivos que lhe levaram a pensar em desistir de cursar sua graduação? O licenciando Francisco Fábio Acácio da Silva disse ter em 2019 ficado desempregado (por falta de oportunidade de trabalhar na rede pública de ensino) e esclareceu que:

Os motivos foram que eu tive que sair da minha comunidade, eu morava na zona rural e a minha família teve que vir comigo porque não tinha quem cuidasse deles, e a questão é do meu capital. Eu vim pra Cruzeiro do Sul e aluguei um canto, mas o capital era pouco e a minha esposa sofre de problemas de epilepsia e eu tinha que cuidar dela. Mas quando eu cheguei, os meus vizinhos me ajudaram e tinha um espaço pra eu vir pra universidade estudar. E também os meus colegas me apoiavam em vários momentos que eu falava em desistir e hoje eu estou praticamente por uma disciplina terminando o curso e também estou feliz por terminar as aulas, terminando o curso de História, porque na comunidade que eu moro não tem nenhum professor que nasceu e se criou lá e veio fazer um curso universitário. E eu estou muito feliz porque eu vou ser o primeiro que vou ser formado e que tenho um nível superior e vou poder trabalhar na minha área específica de História. Eu sou uma pessoa, que sou ético, sou uma pessoa de boa conduta, gosto de ter meu moral e gosto também de respeitar meus colegas. Bom, pra mim foi um pouco de dificuldade no transporte, onde eu tenho que me deslocar pra cursar as disciplinas, muitas vezes eu saio três horas da madrugada da comunidade em que eu moro, pra chegar aqui na UFAC em Cruzeiro do Sul 7:30 da manhã, pra pegar as aulas dos professores, mas com a força de vontade graças a Deus eu venho conseguindo e vou terminar o meu curso. (ACÁCIO DA SILVA, 2020).

Questionados sobre à condição de gênero (o fato de ser mulher ou homem) atrapalhou ou favoreceu a realização do curso, a licencianda Joana Nogueira Cruz, residente na BR 364, Vila Santa Luzia, distante 75 km de Cruzeiro do Sul, professora da rede estadual de ensino, na função de Atendente Educacional Especializado relatou que:

Pela minha condição de ser mulher, em nenhum momento me deparei com situações que pudessem interromper a realização do curso, sempre fui motivada e elogiada por cursar História. Anteriormente eu pensava que o curso de História seria mais para homens, entretanto me identifiquei com o mesmo e pretendo chegar ao doutorado nesta área. Foram inúmeras as dificuldades enfrentadas por mim, as mais marcantes foi ter que acordar pela madrugada para vir até o local das aulas, como também ficar longe dos filhos e marido a semana inteira sem se comunicar com eles e muito menos vê-los, isso foi muito desprazeroso. Outro fator de desestruturação que enfrentei no decorrer do curso foi em relação a condições financeiras, pois no período de aulas na universidade, eu ficava sem salário por ter contrato provisório e não receber nas férias. No decorrer do curso minhas condições financeiras melhoraram e com a conclusão da minha graduação terei mais oportunidades de emprego, diante da sociedade. (CRUZ, 2020).

Perguntamos se a condição social ou cultural ajudou ou dificultou o andamento das aulas dos cursistas no decorrer do curso. E mediante essa pergunta o licenciando Claudemir Oliveira do Carmo, residente na BR 364, Vila Lagoinha, distante 30 km do município de Cruzeiro do Sul, professor da rede pública municipal de ensino enfatiza que:

Dificuldades foram várias, mas assim, para destacar, eu coloco a questão financeira né, porque mesmo estando no curso financiado pelo governo federal, tem a questão da logística e tendo em vista que durante esse período eu fiquei sem contrato, a maior dificuldade foi a questão financeira mesmo. Consegui recursos financeiros para as necessidades familiares e a questão da logística aqui no curso. E assim, a questão da idade dentro da universidade não, nem tampouco as conversas paralelas, o que eu pude observar é, que na comunidade em que eu vivo, algumas pessoas talvez nem por questão de idade, mas por questão cultural mesmo é, que as pessoas não veem o estudo como uma necessidade para o dia a dia e eu recebi algumas críticas. Pelo que eu pude perceber essas críticas eram exatamente porque aquelas pessoas ali não se interessam em estudar, fazer faculdade. Eu fui criticado assim que eu ingressei na faculdade, e pude perceber que essa situação se deu por eu ser homem e às vezes deixar de trabalhar pra poder ficar o dia inteiro na faculdade, que as críticas foram por esse motivo aí. (CARMO, 2020).

As questões de gênero a nosso ver não ficam explicitadas nas falas de nossos entrevistados (as), mas nas vivências cotidianas percebemos a influência destes fatores, por conta das preocupações, argumentações e constantes presenças de seus afazeres domésticos, vinculados à questão de cuidados com filhos e maridos. De tal ordem, que muitas foram às vezes em que as filhas e filhos de nossas colegas estiveram em sala de aula.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo não tem o objetivo de apontar todas as dificuldades de gênero e cultura para a formação dos cursistas, mas, pensamos em apresentar aspectos da importância do curso dentro do PARFOR e os obstáculos enfrentados pelos alunos e alunas. Diante disso, é perceptível a satisfação e a gratidão dos graduandos do curso de História PARFOR, mesmo enfrentando os mais diversos obstáculos observam o programa como algo que veio do “céu”, cujas dificuldades são pequenas comparadas ao sonho de ser (para a maioria) o primeiro de sua família a entrar em uma Universidade e cursar uma graduação.

É notório que quando abordamos os obstáculos encontradas entre os homens e mulheres identificamos que o gênero feminino no decorrer do curso encontrou maiores entraves de permanência na graduação, visto que, tinham que conciliar na maioria das vezes o tempo com as aulas assistidas na universidade, a família e os afazeres do lar. Não obstante, os homens tinham que deixar suas terras, plantações e criações, para participar dos módulos durante o curso e não perder a oportunidade. Assim vale aqui ressaltar que tanto homens quanto mulheres enfrentaram os mais diversos empecilhos no decorrer dos anos de licenciatura, alguns cogitando desistir, como se pode perceber nos relatos acima descritos. Mas, todos resistindo até o final e chegando hoje muito perto de finalizar o curso (só nos faltando a colação de grau) e alcançar o que para muitos é um sonho que está sendo realizado.

Por sua vez, quanto aos aspectos culturais, percebemos que para além da questão de conhecimentos, tivemos dificuldades nos espaços sociais que vivemos. Principalmente relacionados à questão financeira, já que, com o término do ano letivo a grande maioria dos licenciandos encontravam-se desempregados e sem nenhuma renda para se manter diariamente na faculdade ou custear as famílias, pois tinham que se sustentar no curso e em alguns casos os parentes que se deslocavam conjuntamente para Cruzeiro do Sul. Em outros momentos, os familiares ficavam nas comunidades em que vivem e necessitavam de condições mínimas para se alimentar enquanto esposas e maridos cursava as disciplinas da graduação.

Face ao exposto, concluímos que as contrariedades enfrentadas pelos cursistas do PARFOR História, foram variadas. Contudo, destacamos neste artigo que as de cunho de gêneros e socioculturais foram as de maior atenção, por serem tão fortes e duras a realidade de professores e professoras que atuam na rede pública de ensino sem qualificação e por isso passam por tantas adversidades, em busca de um dia alcançar a tão sonhada graduação.

## REFERÊNCIAS



ACÁCIO DA SILVA, Francisco Fábio. **Relatos e memórias no curso de História e a importância do PARFOR para os cursistas.** [entrevista concedida a] Ciele Noruega de Souza. Cruzeiro do Sul, 14 e 15 de janeiro de 2020.

BARROS, José D'Assunção. O Projeto de Pesquisa - aspectos introdutórios. Travessias (UNIOESTE.), v. 02, p. 19, 2008.

CARMO, Claudemir Oliveira do. **Relatos e Memórias no curso de História.** [entrevista concedida a] Raimundo Oliveira de Azevedo. Cruzeiro do Sul, 15 de janeiro de 2020.

CRUZ, Joana Nogueira. **Relatos e Memórias no curso de História.** [entrevista concedida a] Mirla de Araújo Conceição. Cruzeiro do Sul, 15 de janeiro de 2020.

MEDEIROS, E. A.; AGUIAR, A. L. O. Percursos de Formação: Experiências e Trajetórias (Re)Significadas nas Histórias de Vida de Professoras no PARFOR. Educação & Linguagem (Online), v. 18, p. 121-146, 2015.

MONTEIRO DA SILVA, Maria Gesualda. **Relatos e Memórias no curso de História.** [entrevista concedida a] Manoel Messias Pinheiro Gomes. Cruzeiro do Sul, 15 de janeiro de 2020.

NORUEGA DE SOUZA, Ciele Noruega. A Importância do PARFOR para os cursistas de História. [entrevista concedida a] Jorge Lima Câmara. Cruzeiro do Sul, 14 de janeiro de 2020.

PEQUENO DE SOUZA, Levino. **A Importância do PARFOR para os cursistas de História.** [entrevista concedida a] Creucivan Bertolino da Silva. Cruzeiro do Sul, 15 de janeiro de 2020.

PEREIRA DA SILVA, Auvilene. **A Importância do PARFOR para os cursistas de História.** [entrevista concedida a] Rafael Santos da Silva. Cruzeiro do Sul, 15 de janeiro de 2020.

PERTILE, Maria de Lurdes; AGOSTINI, Sandra. Estágio curricular supervisionado em História-PARFOR – UNICHAPECÓ: Limites e possibilidades. História e ensino, Londrina, v. 21, p. 265-282, jul./dez.2015.

Data de submissão: 02/04/2020  
Data de aprovação: 14/05/2020